

A “aquisição” da leitura e escrita: uma análise da obra *Tarzan of the Apes*

*The “acquisition” of reading and writing: an analysis of the book *Tarzan of the Apes**

Gabriel Vargas Nunes
Chirley Domingues
Universidade do Sul de Santa Catarina
Tubarão-Brasil

Resumo

O presente artigo tem como objetivo principal analisar o enredo da obra *Tarzan of the Apes*, problematizando o processo de aquisição da leitura e escrita do protagonista. Para a realização da proposta, nos filiamos as discussões de Eco (1994), quanto aos leitores e o pacto ficcional, Eagleton (2017), sobre aspectos da interpretação do texto literário e Aristóteles (1984) para as reflexões sobre verossimilhança. No que se refere à aquisição da linguagem falada e a aprendizagem da leitura e escrita, o estudo recorreu a autores como Vigotski (2005), Chomsky (2005), Pinker (2004), Soares (2016), Oliveira (1997) e Ferreiro e Teberosky (1999). Então, chegamos à conclusão de que o enredo da obra pode comprometer o pacto ficcional de leitores mais atentos ao processo de aquisição da linguagem, o que, porém, não torna a obra inverossímil, como ficção.

Palavras-chave: Leitura; Tarzan; Verossimilhança.

Abstract

The primary objective of this study is to analyze the storyline of the book *Tarzan of the Apes*, while examining the protagonist's process of acquiring reading and writing skills. To achieve this goal, we align ourselves with the discussions presented by Eco (1994) on readers and the fictional pact, Eagleton (2017) on aspects of interpreting literary texts, and Aristotle (1984) for reflections on verisimilitude. In terms of the acquisition of spoken language and the learning of reading and writing, this study refers to authors such as Vygotsky (2005), Chomsky (2005), Pinker (2004), Soares (2016), Oliveira (1997), and Ferreiro and Teberosky (1999). Consequently, we arrive at the conclusion that the storyline of the work might undermine the fictional pact for readers who are more attentive to the process of language acquisition. Nevertheless, this does not render the work implausible as a work of fiction.

Keywords: Reading; Tarzan; Verisimilitude.

1. Introdução

É comum nos depararmos com situações que fogem ao bom senso em obras de ficção, como animais falantes, homens que acordam como se fossem um inseto ou, no caso da obra que tematiza este estudo, pessoas que aprendem a ler e escrever sem nunca terem tido qualquer contato com um idioma. Essas situações são aceitas pelos leitores, sem que as considerem absurdas. Concordando com Eco (1994, p. 83), ao ler um livro, os leitores precisam “[...] assinar um acordo ficcional com o autor [...]”, e esse acordo é fundamental para aceitar o que a obra tem a oferecer.

A obra *Tarzan of the Apes* (Burroughs, 2020) apresenta um protagonista órfão que é criado por símios sem contato com humanos por um longo tempo. Porém, ele encontra livros em uma cabana e aprende a ler e a escrever, sem nunca ter ouvido sequer uma palavra na língua inglesa ou aprendido a falar o idioma. Em um livro em que um ser humano consegue matar um leão sem dificuldade, aprender a ler e escrever sozinho não parece inverossímil, mas para um leitor que tenha conhecimento sobre aquisição da linguagem e do aprendizado da escrita, fazer o pacto ficcional é pouco provável.

Chomsky (2005) menciona que humanos são dotados de um órgão responsável pela aquisição da linguagem e Pinker (2002) traz a linguagem como um instinto, ambos ensinam que a linguagem é inata dos seres humanos, adquirida naturalmente. Tarzan é humano, logo ele teria capacidade de desenvolver a linguagem, de acordo com Chomsky e Pinker, isso, claro, se ele tivesse tido contato com algum idioma.

Vigotski também afirma algo semelhante a Chomsky e Pinker. Ele afirma que há mecanismos típicos dos seres humanos responsáveis pela aprendizagem, as funções psicológicas superiores. Para o psicólogo, existe as funções psicológicas elementares e as superiores. E para entender essas funções é necessário levar em conta a mediação. Vigotski explica que a relação dos seres humanos com o mundo é mediada, e segundo ele, há dois tipos de mediadores, os instrumentos e os signos, sendo na interação entre esses mediadores que ocorre a aprendizagem (Oliveira, 1997).

Considerando a teoria Histórico-Cultural, as crianças não são capazes de realizar certas tarefas sozinhas, porém conseguem aprender se tiverem algum tipo de mediação. Levando isso em consideração, Tarzan, assim como qualquer ser humano, precisaria de mediação para a aprendizagem da língua escrita (Oliveira, 1997).

De modo natural, o ser humano aprende a falar, adquire a linguagem falada espontaneamente em sua vida, isso quando não há problemas em seu aparelho fonador. Porém, com a linguagem escrita é diferente. Soares (2016), assim como Chomsky e Pinker, diz que a fala é genética e instintiva, mas a aquisição da escrita não ocorre do mesmo modo que a aquisição da fala, ou seja, não acontece de forma espontânea e, conseqüentemente, precisa ser ensinada.

Considerando as discussões em destaque sobre a aprendizagem da escrita, no presente estudo, nos propomos a fazer uma análise da obra *Tarzan of the Apes*, problematizando o processo de aquisição da leitura e escrita do protagonista da obra, que pode ser questionada por leitores mais atentos às teorias de aquisição da linguagem escrita. Dessa forma, mesmo que pareça possível que Tarzan aprenda a ler e escrever sem qualquer mediação considerando que se trata de uma obra de ficção, entendemos que a obra pode ser problematizada.

Com base na proposta do nosso estudo, considerando que o protagonista da obra analisada é humano e tendo todos os aparatos necessários para aprender a ler e a escrever, surgiu o nosso problema de pesquisa: o contato do personagem Tarzan com a leitura e a escrita retratado no livro *Tarzan of the Apes* do autor Edgar Rice Burroughs apresenta verossimilhança?

Para responder ao proposto, chegamos ao objetivo geral, qual seja, problematizar o contato do personagem com a leitura e a escrita no enredo da obra. Definido o objetivo principal, definimos os objetivos específicos, quais sejam: 1) Analisar o livro *Tarzan of the Apes* com ênfase no enredo, sobretudo nos aspectos que se referem à aquisição da leitura e escrita do protagonista. 2) Compreender as discussões sobre aquisição da leitura e escrita a partir da teoria Histórico-Cultural. 3) Investigar produções acadêmicas que tematizam a obra, selecionando aquelas que lançam luz sobre a aprendizagem da leitura e escrita do protagonista.

Como metodologia de pesquisa foram utilizados os procedimentos de uma pesquisa bibliográfica para a coleta de dados. A pesquisa se caracteriza como de nível explicativo, visto que tem a finalidade de explicar sobre o pacto ficcional, verossimilhança e os processos de aquisição da linguagem falada e aprendizado da escrita e leitura, e utiliza uma abordagem qualitativa porque visa trazer um esquema explicativo por um método não matemático (Gil,

A “aquisição” da leitura e escrita: uma análise da obra *Tarzan of the Apes*

2019). Levando em consideração que a pesquisa em questão é uma análise literária e que pesquisa em literatura é “interpretação + aparato acadêmico” (Durão, 2020), a obra foi interpretada levando em consideração os conhecimentos acadêmicos adquiridos ao longo da nossa formação em Letras.

A proposta da pesquisa, mais do que fazer uma análise crítica da obra, teve como intuito problematizar a aquisição da linguagem escrita presente no enredo da obra citada. Nesse sentido, o estudo chama a atenção para o tema, problematizando o enredo e possibilitando uma outra postura dos leitores. Ademais pode, ainda, contribuir para que eles aprendam sobre o acordo ficcional, ao ler um livro de ficção, e refletir sobre as possibilidades e limitações da aquisição da escrita e leitura.

No decorrer do trabalho, serão apresentados os argumentos que fazem leitores mais perspicazes questionarem a verossimilhança do romance, como teorias de aquisição de linguagem falada e de aprendizagem da leitura e escrita, também como informações sobre ficção, pacto ficcional e verossimilhança. Essas informações vêm seguidas da análise da obra e, posteriormente, das considerações finais.

2. Pacto ficcional, ficção e verossimilhança

O crítico italiano Umberto Eco (1994) afirma que tudo o que acontece em uma obra ficcional é verdade no universo da obra. Nesse sentido, não acreditamos em animais falantes, nem pensamos que o Tarzan realmente existiu e falava com gorilas selvagens, porém essas situações são possíveis em obras de ficção. Animais que falam, por exemplo, são comuns em fábulas e o Tarzan, protagonista do livro *Tarzan of the Apes*, falava com gorilas e isso é verdade no universo da ficção.

Situações com animais falantes são fantasiosas, elas não acontecem na realidade, nós não as experienciamos sem que estejam no universo da ficção. Contudo, lemos contos, romances, novelas etc., e mesmo que contenham situações que vão contra o bom senso, aceitamos o que a história tem para nos dizer e continuamos a leitura como se tudo fosse verdade. No livro *Seis Passeios Pelos Bosques da Ficção*, Eco afirma que, quando lemos uma obra, devemos fazer um acordo ficcional e é esse acordo que faz com que não pensemos na obra como um completo absurdo (Eco, 1994).

Para exemplificar o que é esse “acordo ficcional”, Eco apresenta o exemplo do conto *Chapeuzinho Vermelho* e destaca que:

Quando entramos no bosque da ficção, temos de assinar um acordo ficcional com o autor e estar dispostos a aceitar, por exemplo, que lobo fala; mas quando o lobo come Chapeuzinho Vermelho, pensamos que ela morreu (e essa convicção é vital para o extraordinário prazer que o leitor experimenta com sua ressurreição). Imaginamos o lobo peludo e com orelhas pontudas, mais ou menos como os lobos que encontramos nos bosques de verdade, e achamos muito natural que Chapeuzinho Vermelho se comporte como uma menina e sua mãe como uma adulta preocupada e responsável (Eco, 1994, p. 83).

Após Eco citar esse exemplo, ele pergunta o porquê de isso acontecer e, ainda no mesmo parágrafo, afirma que pensamos no lobo sendo parecido com um lobo real porque é como conhecemos os lobos, de acordo com nossa experiência. Mas, mesmo imaginando o lobo como um lobo real, aceitamos que ele fale, graças ao acordo ficcional.

Eco (1994) menciona o acordo ficcional que deve ser aceito ao ler uma obra de ficção. Para explicar o que é aceito nesse acordo é importante mencionar a verossimilhança, termo abordado por Aristóteles. A verossimilhança é a semelhança com a verdade, é a coerência entre os fatos dentro de obras fantasiosas, mesmo que esse fato seja algo irreal (Aristóteles, 1984), como o lobo que fala em *Chapeuzinho Vermelho*. O lobo falante é verossímil dentro do enredo, mesmo que seja inverossímil à realidade externa dos contos de fadas. Essa coerência é a verossimilhança, e é o que é aceito no acordo ficcional mencionado por Eco.

Nas obras de ficção, de acordo com Saer (2012), situações inverossímeis, levando em conta o que conhecemos do real, são comuns, e isso acontece porque a ficção não é dependente da verdade, embora essa não seja o contrário da ficção. Além de que “[...] a ficção não pede para ser crível enquanto verdade, e sim enquanto ficção” (Saer, 2012, p. 322). Acreditar que a ficção é crível como sendo ficção, nas palavras do crítico argentino, é o mesmo que aceitar o pacto ficcional mencionado por Eco. Por conta disso, é aceitável que Tarzan fale com gorilas selvagens ou o lobo mau se vista de vovozinha, sendo esses fatos verossímeis nos enredos de suas respectivas obras.

Aristóteles (1984), famoso filósofo grego, traz na *Poética*, a poesia como imitação. O filósofo fala da poesia e de todos os gêneros que derivam dela, como a epopeia, a comédia, o mito e, com um maior foco, a tragédia, além de outros. Ele afirma que a poesia é imitação do real, seja de pessoas, animais ou ações. Basicamente, para Aristóteles, poesia é a representação fantasiosa da realidade, e isso serve para todos os tipos de poesia, não importando se são escritas em verso ou em prosa.

A “aquisição” da leitura e escrita: uma análise da obra *Tarzan of the Apes*

Essa imitação deve ser coerente e passível de credibilidade, fazendo, assim, com que o espectador ou leitor possam se identificar com a obra e possam refletir sobre. A verossimilhança, portanto, é fundamental. Os acontecimentos no enredo das obras devem parecer verossímeis, ou seja, devem parecer coesos dentro da história, mesmo que não sejam plausíveis fora da ficção, no mundo real (Aristóteles, 1984).

Vimos que Eco (1994) menciona que o leitor precisa aceitar o pacto ficcional, contudo, no processo de aceitá-lo, é levado em consideração suas experiências particulares. Terry Eagleton (2017) afirma algo que corrobora com Eco, quando destaca que cada leitor tem uma visão diferente para cada obra literária. Basicamente, o que faz sentido para um leitor pode não fazer sentido para outro.

A obra *Tarzan of the Apes* mostra situações inverossímeis e uma delas, no nosso entendimento, se refere ao fato de o protagonista aprender a ler e a escrever sem ter tido qualquer contato com o idioma aprendido. Assim sendo, sugerimos que, para leitores atentos, com algum conhecimento de aquisição da linguagem e aprendizado da escrita, o enredo apresentado por Burroughs pode ser bastante questionável. Leitores mais perspicazes, por certo podem encontrar fragilidades na verossimilhança do romance e ter argumentos para questionar o pacto ficcional com a obra.

Considerando o exposto, entendemos que seja importante trazer para a nossa discussão reflexões sobre a aquisição da fala e, posteriormente, do aprendizado da escrita, no intuito de tornar mais clara a nossa proposta de problematizar o enredo da obra.

3. Aquisição da fala e o aprendizado da escrita

A fala é comum para os humanos, afinal nós a utilizamos para nos comunicarmos diariamente. A linguagem falada é natural. Chomsky (2005) e Pinker (2004) mencionam que os seres humanos são dotados de uma genética particular que faz com que adquiram a linguagem de modo natural e espontâneo, isso, claro, se não houver qualquer problema em seus aparelhos fonadores e que estejam inseridos em um ambiente favorável. Chomsky (2005) diz que os seres humanos possuem o que ele chama de “faculdade da linguagem”, um órgão responsável pela aquisição da linguagem falada. Pinker (2004), por sua vez, acredita no “instinto da linguagem” e afirma que aprendemos nossa língua materna por instinto, assim como procuramos água quando estamos com sede.

Por mais que a fala seja natural e espontânea, devemos levar em consideração o ambiente em que o ser humano esteja situado. Chomsky (2005) diz que o ambiente afeta a

aquisição da linguagem, a faculdade da linguagem apenas dá as regras que ele deve seguir ao falar. Contudo, é o meio que é responsável pelas referências que o falante deve adquirir.

Oliveira (1997), ao refletir sobre a teoria de Vigotski, afirma que os seres humanos nascem com algumas funções psicológicas elementares, porém:

A interação face a face entre indivíduos particulares desempenha um papel fundamental na construção do ser humano: é através da relação interpessoal concreta com outros homens que o indivíduo vai chegar a interiorizar as formas culturalmente estabelecidas de funcionamento psicológico (Oliveira, 1997, p. 38).

Deste modo, os seres humanos precisam estar inseridos em um ambiente cultural e interagir com outros humanos para, assim, adquirir os elementos psicológicos necessários para a aquisição da linguagem, como atenção voluntária, memorização ativa, pensamento abstrato e comportamento intencional. Esses elementos fazem parte das funções psicológicas superiores, funções essas que existem apenas em humanos.

Ainda sobre a teoria de Vigotski, Oliveira (1997) destaca que há duas funções básicas da linguagem, sendo elas a de intercâmbio social e pensamento generalizante. A primeira função diz que é pela necessidade de se comunicar que o ser humano cria e faz uso dos sistemas de linguagem. Como exemplo visível dessa função, Oliveira (1997) faz referência aos bebês que, mesmo sem conseguirem falar, conseguem se comunicar com expressões, gestos e sons, como o choro. Ou seja, “é a necessidade de comunicação que impulsiona, inicialmente, o desenvolvimento da linguagem” (Oliveira, 1997, p. 42).

A autora destaca também que “a interação com membros mais maduros da cultura, que já dispõem de uma linguagem estruturada, é que vai provocar o salto qualitativo para o pensamento verbal” (Oliveira, 1997, p. 47). Ou seja, para adquirir a fala, além da genética humana, é preciso estar em um ambiente culturalmente estruturado com outros humanos, caso contrário, não há a possibilidade de adquirir a linguagem falada.

Ainda sobre a primeira função da linguagem, de acordo com Vigotski, para que a comunicação ocorra de forma satisfatória é preciso que os indivíduos façam uso de signos compreensíveis entre si, que expressam ideias, pensamentos e sentimentos. E como cada indivíduo tem experiências diferentes, essa linguagem precisa ser generalizada e simples, o que gera a segunda função da linguagem (Oliveira, 1997).

A segunda função da linguagem é de pensamento generalizante. Basicamente, essa função diz que a linguagem agrupa situações, objetos e outros elementos da mesma natureza

A “aquisição” da leitura e escrita: uma análise da obra *Tarzan of the Apes*

em uma mesma categoria conceitual. Oliveira traz como exemplo a palavra “cachorro”, que é compreendida por todos os falantes de português (Oliveira, 1997). Por coincidência, a palavra “cachorro” é uma das primeiras palavras que Tarzan aprende.

Antes de qualquer ser humano falar, ele passa, na infância, pela fase pré-intelectual, na qual ele ainda não utiliza um sistema de signos. Animais também possuem essa fase pré-intelectual, embora emitam sons, façam gestos e usem expressões faciais como um tipo de linguagem. Essa “linguagem” dos animais não tem função de signo, tem apenas a função de alívio emocional e de contato psicológico com os demais membros do grupo (Vigotski, 2005).

Um ponto importante trazido no livro de Oliveira (1997) é o das “crianças selvagens”, que são encontradas isoladas e sem contato com seres humanos, bem semelhante a história do personagem Tarzan. Segundo a autora, “o desenvolvimento fica impedido de ocorrer na falta de situações propícias ao aprendizado” (Oliveira, 1997, p. 57). Essas crianças tinham toda a genética necessária para adquirir a fala, porém, por não terem sido criadas em um ambiente com outros humanos com uma cultura letrada que fizessem uso de um sistema de signos, ficaram impossibilitadas de adquirirem a fala.

A aquisição da linguagem falada é natural e espontânea para os seres humanos, desde que estejam situados em um meio culturalmente estruturado, com sistema de signos e que tenha outros humanos para que possam interagir entre si, assim, adquirindo a linguagem. Mas com a linguagem escrita é diferente.

Soares (2016), no texto intitulado *Aquisição da escrita: um processo natural?*, faz referência a uma série de autores que defendem que o aprendizado da escrita seria semelhante ao da fala. Entretanto, Soares afirma que aprender a ler não é semelhante a adquirir a fala.

Vimos que tanto Chomsky (2005) quanto Pinker (2002) afirmam que a fala é natural, mas que precisa da convivência com outros humanos para que seja adquirida. A necessidade dessa convivência é mostrada no livro de Oliveira (1997) sobre a teoria de Vigotski. Soares (2016) concorda com os autores que defendem a fala ser adquirida naturalmente, enquanto a escrita é uma invenção cultural e, portanto, não é adquirida como a fala.

Enquanto Soares (2016) diz que a escrita é uma invenção cultural, Pinker (2002, p. 6) diz que a “[...] a escrita é claramente um acessório opcional [...]”. Ambos mostram que a linguagem escrita não é natural, não é adquirida como a fala e que apenas existe graças à cultura.

Vigotski (2005), menciona que o aprendizado da escrita e da leitura difere muito da aquisição da fala. Isso se deve porque, ao contrário da fala, que é utilizada como um meio eficaz de comunicação com adultos para atender as suas necessidades, crianças não veem a escrita e a leitura como algo necessário, já que não a utilizam para atender suas necessidades como a fala.

Outra informação pertinente sobre a escrita é que, ao contrário da fala, que é adquirida e não tem a necessidade de ser ensinada, ela precisa ser ensinada por meio de metodologias que orientem o processo de aprendizagem da leitura e escrita (Soares, 2016).

Levando em consideração essas informações dadas por Soares (2016), a teoria Histórico-Cultural de Vigotski traz a intervenção pedagógica como necessária ao aprendizado da leitura e da escrita. Para Vigotski (2005), existe um mecanismo necessário para o aprendizado, que é o mecanismo da imitação. Oliveira (1997, p. 63) discorre que para Vigotski, a imitação é a “[...] reconstituição individual daquilo que é observado nos outros. Essa reconstrução é balizada pelas possibilidades psicológicas da criança que realiza a imitação e constitui, para ela, criação de algo novo a partir do que observa no outro”.

Vigotski (2005) não acredita que a imitação seja apenas um processo mecânico, mas sim uma oportunidade que as crianças possuem para realizar ações que estão longe da capacidade delas, e essa imitação contribui para o desenvolvimento das crianças. Nesse sentido, Oliveira (1997, p. 63) faz menção a um exemplo pertinente desse mecanismo de imitação, destacando que “ao imitar a escrita do adulto, por exemplo, a criança está promovendo o amadurecimento de processos de desenvolvimento que a levarão ao aprendizado da escrita”.

Porém, Ferreiro e Teberosky (1999) dizem que a escrita não é mera cópia de um modelo fixo, visto que crianças escrevem sem necessariamente imitar alguém. A princípio, ao ler essa informação, pode-se pensar que esse pensamento vai contra o de Vigotski, contudo ele explica que as crianças usam da imitação para aprender algo que ainda não sabem até que consigam aprender e realizar tarefas sem auxílio de mediação (Oliveira, 1997).

Para entender melhor a questão da imitação de ações e da intervenção pedagógica, é necessário entender o conceito de zona de desenvolvimento proximal. Segundo Oliveira (1997), fazendo menção à teoria vigotiskiana, só é possível imitar ações que estejam dentro da zona de desenvolvimento proximal. Para Vigotski, zona de desenvolvimento proximal é a

A “aquisição” da leitura e escrita: uma análise da obra *Tarzan of the Apes*

distância entre os níveis de desenvolvimento real e de desenvolvimento potencial. O nível de desenvolvimento real é o que a criança sabe fazer sem mediação e o nível de desenvolvimento potencial, por sua vez, é o que a criança só consegue fazer com mediação (Oliveira, 1997).

Para o psicólogo bielo-russo, Vigotski, a relação dos seres humanos com o mundo é uma relação mediada. A mediação “[...] é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento” (Oliveira, 1997, p. 26). Ainda segundo Vigotski, há dois tipos de mediadores, os instrumentos e os signos, que só funcionam graças às funções psicológicas superiores (Oliveira, 1997).

Os instrumentos são mediadores entre os seres humanos e o mundo, carregam a função para aquilo que foram criados devido à história do trabalho coletivo, o martelo, por exemplo, carrega a função de pregar e pode ser guardado e utilizado novamente. E o outro tipo de mediador são os signos, uma invenção cultural feita para solucionar problemas psicológicos. Eles podem ser qualquer elemento, como no exemplo de Oliveira, varetas para contar um rebanho, já que foram utilizadas para solucionar um problema psicológico, embora os elementos mediadores também possam ser pessoas interagindo com outras. Para Vigotski, é graças a esses mediadores que há mudanças significativas para a mente humana, assim, promovendo um processo de internalização de aprendizagem (Oliveira, 1997).

Vigotski (2005) explica que há uma forte ligação entre o aprendizado dos seres humanos com seu ambiente sociocultural e sua situação de organismos que não se desenvolve plenamente sem o suporte de outros humanos. De acordo com o referido autor, é na zona de desenvolvimento proximal que a interferência de outros humanos é mais transformadora. E é aí que a escola exerce um papel importante na construção do psicológico dos adultos que vivem em uma sociedade cultural escolarizada.

Dentro do ambiente escolar, os professores, ou até mesmo outras crianças, vão exercer a função de mediadores, fazendo com que as crianças, ao usarem o mecanismo de imitação, aprendam uma habilidade que ainda não possuíam, como, por exemplo, ler e escrever. A teoria Histórico-Cultural explica que os mediadores não são apenas os professores, mas todos com quem a criança venha a interagir (Oliveira, 1997).

Ferreiro e Teberosky (1999, p. 296) concordam com os pensamentos de Vigotski sobre o papel da escola ser de extrema importância no aprendizado da escrita e da leitura, além de dizerem que “a mediação social é imprescindível para compreender algumas de suas

propriedades”. Levando isso em consideração, ambas as autoras trazem um pensamento semelhante ao de Vigotski.

Vimos, nesta seção, como ocorre o processo de aprendizagem da leitura e escrita de acordo com a teoria Histórico-Cultural. Além de termos visto o papel da mediação e da escola nesse processo. Sendo assim, o tópico seguinte discorrerá sobre a análise da obra *Tarzan of the Apes* e suas fragilidades na verossimilhança que podem ser encontradas por leitores perspicazes com conhecimentos de aquisição da fala e de aprendizagem da leitura e escrita.

4. A análise

A obra *Tarzan of the Apes* foi escrita pelo autor Edgar Rice Burroughs e publicada originalmente em 1912, nos Estados Unidos. O enredo apresenta como protagonista um menino, filho de ingleses, que nasceu em uma selva da África e foi criado, desde o seu primeiro ano de vida, por um grupo de símios, após o falecimento dos pais, que chegaram à África após serem abandonados em uma costa devido a um motim no navio em que estavam (Burroughs, 2020).

Privado do contato com humanos, na selva em que se encontrava, Tarzan interagiu apenas com os animais do seu grupo, sendo criado como um deles. Assim sendo, a criança não aprendeu a falar, pois o contato com os seres humanos limitou-se aos primeiros meses de vida.

Por volta dos onze anos de idade, porém, Tarzan encontra a cabana que pertenceu a seus pais e lá encontrou livros que chamaram sua atenção. Eram livros ilustrados com inúmeras figuras, imagens de pessoas, animais e objetos. No entanto, as imagens ilustradas:

[...] não surpreendiam o menino tanto quanto as figurinhas esquisitas que apareciam embaixo e entre as figuras coloridas. Pareciam algum tipo estranho de inseto, e de fato ele achou que fossem, pois muitas tinham pernas, embora em nenhum lugar ele achasse uma com olhos e boca. Esse era seu primeiro contato com as letras do alfabeto [...] (Burroughs, 2020, p. 55).

Nesse ponto, nota-se que o protagonista não sabe o que são letras, pois as confunde com insetos, o que, até então, apresenta certa relação com a realidade, já que, de acordo com Oliveira (1997), pessoas isoladas de uma cultura letrada são incapazes de aprenderem a ler ou, no caso do protagonista da obra de Burroughs, de saber o que são letras.

Tarzan, por mais que não soubesse o que eram as letras, continuou a folhear os livros, no meio dos quais estavam “[...] uma cartilha, algumas leituras infantis, vários livros ilustrados

A “aquisição” da leitura e escrita: uma análise da obra Tarzan of the Apes

e um grande dicionário” (Burroughs, 2020, p. 61). A narrativa de Burroughs descreve o personagem observando as figuras por horas, tentando entender o que eram os “pequenos insetos”. Ao observar a figura de um “macaco similar a ele”, nota que está escrito “MENINO” e Tarzan percebe que esses seis caracteres se repetem. Ele, então, infere que há um padrão. O personagem continua a procurar esse padrão e o encontra em outra imagem que, dessa vez, trazia um menino com um cachorro e a seguinte legenda “UM MENINO E UM CACHORRO”. Ainda que o protagonista não tenha conhecimento do que era um cachorro, assimilou a figura com um chacal, que era o animal mais próximo a ele.

A partir desse momento, Tarzan passa por um processo de aprendizagem de leitura, sozinho e sem mediação, o que, no nosso entendimento, seria bastante inverossimilhante. De acordo com Vigotski (2005), seguido por Soares (2016) e Ferreiro e Teberosky (1999), aprender a ler não é um processo natural, depende de metodologias de ensino que guiem o processo de aprendizagem, sendo o professor, e por extensão a escola, parte fundamental desse processo.

Contudo, diferente do que os citados estudos têm evidenciado, Tarzan foi desenvolvendo uma aprendizagem da leitura sem qualquer processo de ensino. Ainda que a aprendizagem do protagonista tenha sido lenta, considerando o tempo entre o contato com os livros encontrados na cabana, aos onze anos, até passar às combinações das letras que identificavam cada figura, aos quinze anos, ele vai se familiarizando com a escrita, na medida em que vai decorando as figuras com suas respectivas legendas. Ainda assim, torna-se pouco verossimilhante a relação que o protagonista faz entre as imagens e a escrita. Talvez, por vislumbrar essa percepção dos leitores, o próprio texto da obra deixa claro que Tarzan não era, de fato, um leitor, pois faltava a ele conhecimentos essenciais da língua, como destaca a passagem do romance segundo a qual “quanto ao significado e ao uso de artigos e conjunções, verbos, advérbios, pronomes, ele tinha apenas uma pálida concepção” (Burroughs, 2020, p. 62).

Aos doze anos, Tarzan encontra alguns lápis na cabana e demonstra total desconhecimento do objeto, a ponto de não saber como segurá-los. Nesse momento, Tarzan tenta reproduzir os “pequenos insetos” dos livros. Então, se inicia o processo de aprendizagem da escrita. Depois de meses tentando copiar os caracteres de forma legível, o protagonista consegue escrever todas as formas dos “insetos” e suas combinações. No que se refere à aprendizagem da escrita, torna-se importante o que defende Ferreiro e Teberosky

(1999), quando deixam claro que a mera cópia não é escrita. Porém, com o passar do tempo, o protagonista passa a elaborar algumas frases, sem necessitar copiá-las dos livros.

O personagem, durante muito tempo, apenas decora a legenda das figuras, porém, aos dezessete anos ele passa a entender o propósito dos “pequenos insetos” e aprende a ler a cartilha e os livros infantis que estavam na cabana. Além disso, ao ler um dicionário ilustrado que encontra entre os livros, Tarzan entendeu que ele era um homem e os membros do seu grupo eram macacos. Ademais, aprendeu ainda o nome dos demais animais da selva. A partir desse momento, o narrador da obra menciona que “[...] seu progresso foi rápido. Com a ajuda do grande dicionário e da inteligência ativa de uma mente saudável, dotada de uma **herança** maior do que os potenciais comuns de raciocínios [...]” (Burroughs, 2020, p. 64, grifo nosso). É interessante notar a palavra “herança” utilizada pelo autor. Chomsky (2005) e Pinker (2001) ensinam que os seres humanos são dotados de uma herança genética que possibilita os humanos adquirirem a linguagem. Entretanto, isso não é suficiente para aprender a ler ou a escrever, já que o indivíduo precisa estar situado em um ambiente com uma cultura letrada para que isso seja possível.

Foi visto que Tarzan passou por um longo processo de aprendizagem da escrita e da leitura. Primeiramente, percebeu os “pequenos insetos”, depois os padrões que formavam, para só posteriormente assimilar os padrões a suas determinadas figuras e, então, copiar os caracteres e, só depois, compreendê-los: “Aos dezoito anos, ele lia fluentemente e entendia quase tudo o que estava escrito nos muitos e variados volumes das prateleiras” (Burroughs, 2020, p. 80), além de que “também sabia escrever com letras de forma, de modo rápido e claro” (*Ibid.*, p. 80). Sendo assim, o protagonista aprendeu a ler e a escrever. Ainda no que se refere à aprendizagem da língua, é interessante pontuar que, de acordo com o enredo da obra, “[...] aos dezoito anos, Tarzan era um lorde inglês, capaz de ler e escrever em sua língua nativa, mas que não sabia como falar [...]” (*Ibid.*, p. 80).

O personagem aprendeu a ler e a escrever de forma autodidata, sem mediadores, escolas ou metodologias que guiassem esse processo e, o que é mais importante, sem nunca ter ouvido uma palavra humana ou aprendido a falar. O fato dele estar isolado de contato humano, sem interação, torna verossímil o fato dele não ter aprendido a falar, visto que mesmo ele tendo toda a genética humana para isso, ele não tinha um elemento fundamental, a interação com humanos falantes. Por outro lado, aprender a dominar a linguagem escrita é

A “aquisição” da leitura e escrita: uma análise da obra *Tarzan of the Apes*

uma parte bastante inverossímil dentro do enredo da obra se levarmos em consideração o que ocorre no mundo real. Vigotski (2005) menciona que a imitação é uma parte importante no processo de aprendizagem da escrita e da leitura, o que torna o processo de aprendizagem de Tarzan ainda mais inverossímil, uma vez que ele não tinha a quem imitar.

Em determinado momento do enredo, outros humanos chegam à selva e encontram a cabana onde o protagonista aprendeu a ler. Tarzan os avista e decide deixar um bilhete para os visitantes lerem, no qual dizia “Esta é a casa de Tarzan, o matador de feras e de muitos homens negros. Não toquem nas coisas que são de Tarzan. Tarzan observa. Tarzan dos Macacos”. (Burroughs, 2020, p. 125). Mais uma vez, identificamos nessa passagem uma marca do inverossímil, pois o protagonista assina seu nome sem nunca ter visto uma representação gráfica que pudesse copiar.

Após o longo processo que o protagonista passou para aprender a ler e a escrever, o protagonista encontra na selva um soldado francês, chamado D’Arnot. Tarzan o resgata e, a partir desse momento, o oficial tenta falar com o seu salvador em diversas línguas que conhecia, mas sem efeito, já que Tarzan nunca ouviu um idioma humano. D’Arnot “[...] falou com ele em francês, porém o homem apenas sacudia a cabeça [...]” (Burroughs, 2020, p. 225). O oficial tentou falar em inglês, italiano, espanhol, alemão, norueguês, russo, grego e um dos idiomas dos povos da África, mas todas as tentativas foram inúteis. Porém, a tentativa de se comunicar continua, evidenciando a primeira função da linguagem, a da comunicação, como aponta Oliveira (1997).

Tarzan traz cascas de árvores e lápis, e então o protagonista e o oficial começam a se comunicar por meio da escrita. O francês questiona como alguém sabe escrever em inglês, mas não falar, e logo Tarzan escreve uma resposta dizendo:

Falo apenas a língua de minha tribo de grandes macacos, que em determinada época foi liderada por Kerchak, e um pouco das línguas de Tantor, o elefante, e Numa, o leão, e entendo alguns outros habitantes da selva. Com um ser humano nunca falei, exceto uma vez com Jane Porter, por meio de sinais. Esta é a primeira vez que me comunico com alguém da minha espécie em palavras escritas (Burroughs, 2020, p. 226).

A conversa entre os dois se segue por um tempo, até que Tarzan pede que o soldado o ensine a falar, porém o soldado ensina o francês, por ter mais facilidade. O processo de ensino da língua francesa se dá de forma espontânea, sem nenhum método. Assim, “[...] quando ele apontou para a palavra “homem”, escrita em um pedaço de cascas, ficou

sabendo por D'Arnot que se pronunciava *homme* e da mesma forma foi ensinado a pronunciar macaco, *singe*, e árvore, *arbre*” (Burroughs, 2020, p. 229, grifo no original).

Como é possível evidenciar, com a ajuda de um mediador, no caso D'Arnot, Tarzan aprendeu rápido o idioma francês, embora só soubesse ler e escrever em inglês. Levando em consideração o fato de Tarzan ser um humano saudável, com toda a genética necessária para aprender a falar, pode parecer verossímil esse aprendizado da fala, já que agora estava interagindo com outro humano que fazia uso de um sistema de signos. Porém, há relatos reais sobre crianças selvagens, encontradas isoladas de contato humano, e mesmo com idade superior à idade para adquirir a fala, não aprenderam a falar. O desenvolvimento da fala fica impedido de ocorrer nesse tipo de situação, já que o aprendizado está diretamente ligado ao desenvolvimento do indivíduo, a partir do momento em que ocorra interação com outros humanos desde o nascimento e é isso o que possibilita a aquisição da fala, logo sem o contato do indivíduo com determinado ambiente cultural não ocorre o aprendizado (Oliveira, 1997). Dessa forma, entendemos que o mais natural seria o mesmo acontecer com Tarzan, já que ele é uma “criança selvagem”.

Ao fim do enredo, Tarzan sai da selva junto de D'Arnot e viajam aos Estados Unidos. Lá, o protagonista encontra seu par romântico, porém decide que seu lugar é na selva e deixa as pessoas que conheceu para trás.

No nosso entendimento, o enredo do livro *Tarzan of the Apes* apresenta um aprendizado inverossímil da leitura e escrita, já que, para que isso ocorra, é preciso que o indivíduo esteja integrado em um ambiente com uma cultura letrada, de forma a interagir com outros humanos para que desenvolva a linguagem da fala e da escrita (Oliveira, 1997). Ademais, o personagem nunca teve acesso a qualquer contexto de ensino, que é um ponto de extrema importância para que esse aprendizado ocorra, não tendo, portanto, qualquer acesso a formas de mediação, como professores e outros alunos (Oliveira, 1997; Ferreiro; Teberosky, 1999).

Para que um indivíduo aprenda a ler e a escrever, ele faz uso de um mecanismo de imitação, imitando o que os adultos sabem fazer, até que o indivíduo consiga realizar as tarefas sozinho (Vigotski, 2005). Tarzan não teve adultos letrados que pudesse imitar para desenvolver as habilidades da escrita e da leitura, o que é mais um fator para que não ocorra esse aprendizado.

A “aquisição” da leitura e escrita: uma análise da obra *Tarzan of the Apes*

Considerando a relação das funções da linguagem descrita na teoria Histórico-Cultural de Vigotski (Oliveira, 1997), o personagem Tarzan não tem a necessidade de utilizar a primeira função da linguagem que é a comunicação, visto que, antes dos seus dezoito anos, apenas falava com animais. Isso pode ser visto no diálogo entre Tarzan e D’Arnot. No que se refere à segunda função da linguagem, a de generalização, é necessária uma interação com um grupo que utilize um sistema de signos para que ocorra pensamentos generalizados. Ocorre que o protagonista de Burroughs só interagiu com seu grupo de símios e estes utilizavam uma forma de linguagem inferior, sem um sistema de signos, limitada apenas à função de alívio emocional. Essa linguagem usada pelos animais é chamada de fase pré-intelectual, presente também em bebês humanos, em que usam sons, como grunhidos, choros, gritos, e gestos, além de expressões faciais.

Zilberman (2016), em seu artigo *Para uma Política de Mediação em Leitura*, menciona a inverossimilhança do contato do Tarzan com a leitura. Para ela, a aprendizagem da leitura de textos do personagem não é

[...] em voz alta, mesmo porque o uso da linguagem oral é bastante limitada entre os membros da coletividade de macacos com os quais vive Tarzan. Assim, tanto quanto prescinde do professor, dispensa a fala, o que pode tornar inverossímil o evento [...] (Zilberman, 2016, p. 131).

Entretanto destaca que essa inverossimilhança não compromete a importância que tem o enredo, mesmo com todos os argumentos que mostram as fragilidades dessa aprendizagem na obra *Tarzan of the Apes*, já que, para a respectiva autora, é “[...] coerente com o modo como se concretiza a leitura” (*Ibid.*, p. 131).

Outro comentário pertinente de Zilberman (2016) é sobre a aprendizagem da escrita do personagem. Ela cita o trecho da obra em que Tarzan reproduz alguns “dos pequenos insetos” e menciona que “esse trecho do episódio pode ser igualmente questionado, pois Tarzan aprende a copiar, e não propriamente a escrever, muito menos a redigir” (*Ibid.*, p. 131). O que remete aos pensamentos de Ferreiro e Teberosky (1999) que defendem que a escrita não é cópia.

Levando em consideração o exposto, pode-se notar as fragilidades que leitores mais atentos, com conhecimentos de aquisição de fala e aprendizagem da leitura, encontram na verossimilhança do romance. Entretanto, é importante lembrar que a obra é uma ficção, não tendo a obrigatoriedade de seguir os processos de aprendizagem que acontecem no

mundo real, como evidenciam Eagleton (2017) e Saer (2012). Então é importante que o pacto ficcional, mencionado por Eco (1994), seja aceito pelos leitores para que possam ler a obra sem que a considerem um completo absurdo. Ao lembrarmos o que é verossimilhança para Aristóteles (1984), é importante mencionar que o contato do personagem com a leitura e a escrita, mesmo não sendo verossímil para o real, é verossímil dentro do enredo, já que apresenta uma coerência para a história e essa coerência pode ser aceita no pacto ficcional realizado pelos leitores.

5. Considerações finais

Este artigo teve como objetivo problematizar o processo de aquisição da leitura e escrita presente no enredo da obra *Tarzan of the Apes*. A obra foi analisada com ênfase no enredo, sobretudo nos aspectos que se referem à aquisição da leitura e escrita do protagonista. Também foram realizadas pesquisas que traziam como tema a obra e só uma obra de Zilberman que lança luz sobre a aprendizagem da escrita do personagem e sua inverossimilhança foi selecionada, como outras pesquisas não abordavam o aprendizado da leitura e escrita do personagem, essas não foram utilizadas. Para tanto, apoiamo-nos em referências sobre aquisição de linguagem falada e aprendizagem da leitura e escrita, como a teoria Histórico-Cultural de Vigotski, e discussões apresentadas por outros autores, como Chomsky, Pinker, Soares e Oliveira, que tematizam estudos sobre a linguagem.

O objetivo do nosso estudo nasce do problema da pesquisa e para responder a esse questionamento, apresentamos o significado de verossimilhança, termo esse abordado por Aristóteles. Para compreender mais sobre o universo da ficção, por sua vez, recorreremos a autores como Eco, Saer e Eagleton. O primeiro, nos foi de grande valia para pensarmos sobre o pacto ficcional que nós, leitores literários, devemos aceitar ao ler obras de ficção. Assim como o crítico italiano, Saer e Eagleton teorizam sobre a literatura e contribuíram para realização da nossa análise.

Ao problematizarmos o processo de aquisição da leitura e da escrita, pelo qual o protagonista Tarzan passa, chegamos à conclusão de que a obra apresenta inverossimilhança, sobretudo se levarmos em consideração o que é abordado pela teoria Histórico-Cultural. Nesse sentido, apesar de o personagem de Burroughs ser humano, ele não poderia aprender a ler sem mediação. E com relação a linguagem falada, mesmo interagindo com outro humano, não aprenderia a falar por se tratar de uma “criança selvagem”.

A “aquisição” da leitura e escrita: uma análise da obra *Tarzan of the Apes*

Porém, é importante ressaltar que a obra pertence ao universo da ficção, sendo um romance que não tem a necessidade de ser fiel ao que ocorre na realidade. Diante do exposto, consideramos que o enredo é verossímil como ficção e, portanto, muitos leitores podem fazer o pacto ficcional necessário ao se dedicarem à leitura da obra. O que sugerimos com a discussão aqui proposta é que leitores mais atentos, ou conhecedores do processo de aquisição da linguagem, podem questionar o enredo quanto às fragilidades na verossimilhança e, assim, ter uma outra postura de leitura.

Referências

- ARISTÓTELES. Poética. In: ARISTÓTELES. **Metafísica; Ética a Nicômaco; Poética**. Tradução de Eudoro de Souza. São Paulo: Abril S. A. Cultural, 1984. p. 239-269.
- BURROUGHS, Edgar Rice. **Tarzan**. Tradução de Laura Folgueira. Jandira: Principis, 2020.
- CHOMSKY, Noam. **Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente**. Tradução de Marco Antônio Sant’Anna. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- DURÃO, Fabio Akcelrud. **Metodologia de pesquisa em literatura**. São Paulo: Parábola, 2020.
- EAGLETON, Terry. **Como ler literatura: um convite**. Tradução de Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2017.
- ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Tradução de Hildegard Feist. 10. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução de Diana Myriam Lichstein, Liana Di Marco, Mário Corso. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- GIL, Antonio Carlos. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Barueri: Atlas, 2021.
- OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1997.
- PINKER, Steven. **O instinto da linguagem: como a mente cria a linguagem**. Tradução de Claudia Berliner. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- SAER, Juan José. O conceito de ficção. **Revista Fronteiraz**, São Paulo, n. 9, p. 320-325, dez. 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/12992>. Acesso em: 1 jan. 2023.
- SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Editora Contexto, 2016.
- VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- ZILBERMAN, Regina. Para uma política de mediação em leitura. **Revista do centro de pesquisa e formação**. n. 2, p. 126-141, maio 2016. Disponível em:

https://portal.sescsp.org.br/online/artigo/10234_REGINA+ZILBERMAN. Acesso em: 24 jan. 2023.

Sobre os autores

Gabriel Vargas Nunes

Graduado em Letras-Inglês pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Professor de Língua/Literatura Estrangeira – Inglês no município de Pescaria Brava. E-mail: gabrielvargasnunes97@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-6547-0283>.

Chirley Domingues

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) com período sanduíche na Universidade de Évora (UÉ). Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Graduada em Letras Português/Francês pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: Chirley.domingues@animaeducacao.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7416-0977>.

Recebido em: 28/06/2023

Aceito para publicação em: 04/08/2024